

A importância da relação entre o baixo e a percussão para o aprendizado do baixo elétrico no samba: entrevistas com dez informantes qualificados

Sergio Castanheira¹

UNIRIO PPGM

SIMPOM: *Educação Musical*

srgcastanheira@gmail.com

Resumo: Esse artigo faz parte da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, sobre os processos de aprendizagem dos baixistas que tocam samba. Neste artigo serão destacadas as entrevistas realizadas com dez baixistas entre os meses de março e novembro de 2015, com enfoque na questão da relação entre o baixo elétrico e a percussão. Como metodologia foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que foram analisadas de forma qualitativa. Os entrevistados foram denominados informantes qualificados por suas trajetórias enquanto profissionais do instrumento e suas ligações com o samba. O texto se dividirá em dois itens que foram destacados a partir das entrevistas semiestruturadas: 1 - É preciso entender as percussões do samba – onde são apontados os caminhos mencionados pelos entrevistados em suas buscas de vivência em ambientes musicais onde a percussão estivesse presente; 2 – O baixo é uma percussão: adaptando as percussões ao baixo elétrico – item que revelou as diferentes visões dos entrevistados na hora em que entendem a percussão como uma referência para criação de levadas no baixo e por consequência apresentam as formas como pensam a adaptação das levadas de percussão para o baixo elétrico. Concluiu-se que os entrevistados aprenderam a tocar o samba no baixo principalmente a partir da relação com os instrumentos de percussão, embora cada baixista entenda o referencial percussivo de uma maneira diferenciada

Palavras-chave: Baixo, Samba, Aprendizagem, Percussão, Entrevistas

The Importance of the Relationship between Bass and Percussion for the Learning of Electric Bass in Samba: Interviews with ten qualified

Abstract: This article is part of the master's research, still in progress, on the learning processes of bass players that play samba. In this article, the interviews with ten bass players realized between March and November 2015, focusing on the question of the relationship between the electric bass and percussion are highlighted. As a methodology, semi-structured interviews were conducted, which were analyzed qualitatively. The interviewees were called qualified informants for their careers as professionals of the instrument and their links with the samba. The article is divided into two items that were highlighted from the semi-structured interviews: 1 - It is necessary to understand the percussions in samba - where the ways in search for experience in musical environments where percussion is present,

¹ Orientadora Luciana Requião. Bolsista CAPES.

mentioned by the interviewees, are pointed out; 2 - The bass is a percussion: adapting percussions to the electric bass - item that revealed the different views of the interviewees on their understanding of percussion as a reference for creating bass riffs and how they adapt percussion riffs for the electric bass. It is concluded that the interviewees learned to play samba in the electric bass mainly from the relation with the percussion instruments, although each player understands the percussive reference in a different way.

Keywords: Bass, Samba, Learning, Percussion, Interviews

1. Introdução

Este artigo faz parte da pesquisa de mestrado, ainda em andamento, sobre o baixo elétrico no samba, pesquisa esta que tem como objetivo geral responder a seguinte pergunta: de que forma se aprende a tocar samba no baixo elétrico?

No recorte escolhido para apresentação deste artigo, destacamos as entrevistas realizadas com dez baixistas entre os meses de março e novembro do ano de 2015. Como metodologia para escolha destes instrumentistas, que aqui denomino informantes qualificados, foram escolhidos baixistas que atuaram ou ainda atuam em sua carreira com artistas ligados ao samba, e que possuem alguma projeção no meio musical, seja por gravações, cursos ministrados, livros escritos sobre o assunto, ou ainda por sua própria atuação enquanto instrumentista. Procurou-se relacionar baixistas mais experientes, tais como: Ivan Machado, Jorge Helder, Bororó, Arthur Maia, Adriano Giffoni e Louchard, a uma geração posterior, mas já com alguma projeção no meio, como Zé Luís Maia, Júlio Florindo, Rodrigo Villa e Rodrigo Ferreira.

Com base nas transcrições das entrevistas semiestruturadas, foram elencados pontos principais (categorias de análise), analisados de forma qualitativa. No presente artigo destacamos o ponto referente à relação entre o baixo e a percussão, que será desmembrado em dois itens que nos ajudarão a entender o ponto de vista dos baixistas entrevistados.

2. É preciso entender as percussões do samba

Muitos entrevistados defenderam a importância em se entender o que acontece com as percussões no samba para que o baixista possa melhor construir suas levadas². Alguns entrevistados já tinham alguma vivência em ambientes onde a percussão era muito presente, antes mesmo de se tornarem baixistas, o que naturalmente influenciou a forma como

² Levada, condução ou groove são expressões utilizadas pelos baixistas quando se referem a linha de baixo que criam durante determinada música, linha esta com função de acompanhamento.

tocariam, posteriormente, o baixo elétrico. Arthur Maia, por exemplo, nasceu no morro e tinha uma ligação com uma escola de samba próxima de sua casa, sendo inclusive compositor da mesma:

Eu sou um baixista que eu nasci no morro, nasci no segundo andar da colina ao lado de uma escola de samba, então eu fui formado a base disso. Sou compositor de vários sambas, inclusive de samba enredo da escola que eu nasci do lado, que era Acadêmicos do Engenho da Rainha.

Júlio Florindo também, antes mesmo de se tornar baixista, já tinha uma relação próxima com o ambiente percussivo de uma escola de samba: “toquei caixa na bateria, toquei repique, fui o primeiro repique do Império Serrano, e, tipo assim, desfile há muito tempo, né cara? Bateria de escola de samba”.

Outros contrabaixistas que não tiveram a oportunidade de um contato mais próximo com as percussões no samba, procuraram locais ou pessoas que os pudessem ajudar neste entendimento. Louchard aproveitou a vizinhança com o percussionista Marcos Suzano para frequentar um samba que acontecia próximo à sua casa.

Marcos Suzano morava aqui na vizinhança, então nos jogos do Brasil, copa do mundo, sempre tinha, quando Brasil ganhava, tinha uma batucada aqui que também acho que foi importante, cara, você vivenciar essa coisa da percussão, né? Tem que ter aquela alma percussiva, né?

Marcos Suzano também parece ter sido uma pessoa importante para o aprendizado de Adriano Giffoni, que mencionou ter buscado o contato ainda com outros percussionistas para um maior entendimento das singularidades de cada instrumento.

Essa coisa da referência da percussão também foi muito importante. Eu fui atrás desses percussionistas, conversar com cada um: “Marcos Suzano como é que é essa coisa do partido alto aqui? Faz aqui pra mim”. “O grave vai tocar com essa nota, o agudo com essa aqui. Ah, dá uns espaços pra ter a platinela”. Então cada um foi me dando uns toques assim, conversei com os surdistas, fui vendo os caras tocarem.

Giffoni afirma ainda que “uma das coisas que fazem o baixista tocar bem é ouvir bem a percussão”.

Jorge Helder foi outro que buscou se inserir no meio de uma bateria de escola de samba para perceber as percussões de mais perto. Para ele, “essa vivência é a maior escola”:

Wilson das Neves é mestre de bateria de escola de samba...já me colocou lá no meio da bateria “ó, escuta aí”. Poxa, essa vivência é a melhor escola. Eu acho que a melhor escola pro (sic) samba é viver no samba. Como qualquer estilo. Se você quer aprender um estilo você tem que viver aquele estilo, conhecer, pesquisar.

Ivan Machado salienta a complexidade rítmica das combinações entre as percussões, tanto nas grandes formações quanto nas menores, e também nos conta ter buscado uma experiência em meio às percussões:

Muito difícil quando você pensa na sincronia de uma batucada daquela. Ou na avenida, né? As 400 pessoas tocando juntas. Esse ano eu saí na Vila Isabel, convidado pelo Martinho, saí da Vila Isabel e vi de perto o que é uma bateria. Mas você vê com seus colegas mesmo, na gravação, cinco, seis caras tocando, tudo junto, não tem nada fora do lugar.

Rodrigo Villa afirma que o entendimento da percussão é um caminho necessário para o aprendizado do baixo no samba, caminho este que acredita ter sido percorrido por todos que aprenderam a tocar: “se você não ouvir e não perceber a percussão no samba você não vai saber tocar o samba, né? Assim que eu acho que todos os grandes baixistas aprenderam, né? ”.

Nascido em Goiânia, Bororó destaca a importância de seu contato com os percussionistas do Rio de Janeiro para um novo entendimento sobre a forma como tocava o baixo:

Então a partir do momento que você começa a conviver com os grandes percussionistas que nós temos nesse país, principalmente aqui no Rio de Janeiro, você vai vislumbrar um novo caminho. É impressionante. Foi assim que me senti quando cheguei aqui no Rio e pude conviver com esses grandes músicos. Eu tive o privilégio com o mestre Marçal, de gravar com o mestre Marçal. Hoje eu tenho o privilégio, a alegria de tocar com o filho do mestre Marçal, nós somos amigos, Marçalzinho, Paulinho da Aba.

Arthur Maia e Rodrigo Ferreira acreditam que para conseguirem realmente alcançar esse entendimento, o contrabaixista deve não só escutar, mas também tocar os instrumentos de percussão. Falando da percussão do samba, Arthur Maia expõe assim sua opinião:

Ao meu ver, como músico, não só como contrabaixista (...) eu falo que pra pessoa entender, absorver, botar o relógio da música popular brasileira, ele tem que tocar percussão. E se não tocar, entender, mas o tocar já melhora o nosso relógio. Você acha que é muito simples pegar um tamborim, tem muita gente que estuda, estuda, estuda e não consegue tocar quatro compassos de uma levada que faça o *groovie*. É assim que é a percussão, e o baixista é um instrumento do *groovie*. Então eu acho que quem não observa isso perde uma parte interessantíssima que é exatamente a parte do ritmo brasileiro. Eu me considero também um ritmista, eu gosto de tocar percussão, bateria, batucar, como a gente tava falando ainda a pouco, então eu acho que é fundamental. O cara que ele não viaja na percussão, seja ele brasileiro, no nosso caso a gente tá falando da música brasileira, mas imagina um cara tocar salsa

e não se basear na percussão da salsa. Tocar música africana e não ter esse tipo de entendimento, o cara fica perdido. Então eu sou um baixo percussionista também.

Ferreira corrobora com a afirmação de Maia, ao dizer que antes mesmo do baixista pegar no seu instrumento ele deve procurar entender como funcionam os instrumentos de percussão, explorá-los, tentar perceber as relações que existem entre cada uma dessas percussões do samba.

Uma coisa principal que eu acho no samba, como eu falei, é entender realmente o que cada instrumento está fazendo da percussão. Primeiro passo, antes de pegar no baixo: como é que é o pandeiro do samba? Como é que é o pandeiro do partido alto? Como é que é o samba de roda? Como é que é o agogô da escola de samba? Então eu acho que esses parâmetros são principais para o baixista. Antes de pegar no instrumento. O surdo acentua no dois, mas, e aquele aro ali? Que que o percussionista toca no aro ali? Como é que é aquela subdivisão? Acho que o primeiro passo é isso. Se possível até tocar, é bom. Assim como quando a gente vai tocar harmonia, é bom a gente tocar um instrumento de harmonia, o samba, até os ritmos brasileiros em geral, mas principalmente o samba, você tem que tá (sic) inserido também nessa parte porque é dali que você vai começar a fazer a tua levada, porque se você se prender muito a essa coisa do surdo você vai ficar muito preso aquilo.

Os trechos sublinhados acima nos levam a um ponto que foi muito discutido pelos entrevistados, a questão de que um dos caminhos centrais para construção de uma levada de samba no baixo se dá a partir da referência em um instrumento de percussão. Isto é, entende-se como funciona a levada de determinado instrumento de percussão no samba e tenta-se adaptá-la ao baixo, sendo o próprio baixo um instrumento de percussão³.

3. O baixo é uma percussão: adaptando as percussões ao baixo elétrico

Muitos baixistas entrevistados afirmaram que a relação entre o baixo e a percussão é tão grande que pensam o baixo como se fosse um instrumento de percussão. Esse pensamento, que fez Arthur Maia se definir como um “baixo percussionista”, também foi apontado por vários entrevistados. Rodrigo Villa afirma que “o contrabaixo, ele é muito ligado à percussão no samba, o contrabaixo é uma percussão no samba, praticamente”. Fazendo uma ligação com seu primeiro instrumento, Bororó também traz uma visão próxima dos demais: “como a bateria é um instrumento percussivo, o contrabaixo também é um instrumento percussivo. Eu encaro o contrabaixo como um instrumento de percussão. Tive

³ Sobre isso vale destacar os livros didáticos publicados sobre o baixo, e que também trazem essa relação da percussão como referência para o baixista: GIFFONI (1997); GIFFONNI (2002); MONTANHAUR; SYLLOS (2002); SYLLOS (2008)

uma certa facilidade no que se refere a essa questão rítmica”. Rodrigo Ferreira também traz essa visão:

Eu na verdade sempre penso o baixo como um instrumento de percussão. Eu penso minhas linhas muito ritmicamente, mais do que melodicamente. Subdividir as mesmas notas às vezes vale mais do que uma frase cheia de nota. Eu me sinto um *percussa* e um batera meio frustrado, sempre curti, sempre gostei. Sempre ouço um disco assim e esses detalhes de percussão e a levada de batera sempre vem na minha cabeça antes do baixo, às vezes.

Chegamos então a um dos pontos que gerou maior número de visões diferenciadas entre os entrevistados. Se devemos pensar o baixo como um instrumento de percussão, e considerar este com um dos principais caminhos para construções de levadas no samba, quais seriam essas referências? Isto é, se o baixista deve entender as percussões para poder criar suas levadas, se deve tocar estes instrumentos para ficar mais íntimo desta linguagem percussiva, por onde começar? Deve-se ressaltar que no samba existe uma ampla variedade de instrumentos de percussão, portanto, quais são aqueles que podem servir como referências para o contrabaixo? Todos? Existem alguns mais importantes que outros?

Muitos entrevistados trouxeram a visão de que o surdo é o principal instrumento de referência, ou ao menos destacaram que esse é o discurso mais difundido. Talvez essa visão venha do fato de Luizão Maia⁴ ser considerado por todos os entrevistados como a principal referência do baixo no samba, e muitos destacarem a ligação que o mesmo tinha com o surdo na hora de criar suas levadas. Arthur Maia é um dos que trazem essa visão:

Eu comecei a sentir aquela pegada do Luizão, que era uma coisa que...na verdade depois eu entendi o quanto ela modificou o sotaque da música brasileira, né? Antes do Luizão tocar a sensação do baixo era aquela coisa menos percussiva. Quando o Luizão botou, o que a gente fala, a pata do urso, porque ele era um ursão, o som dele pesava igual a ele, e ele tocava o *precision* de unha. Só o *pick-up* do meio e ele começou a botar nota morta, que é aquele *pick-up* do surdo.

Ivan Machado também se diz muito influenciado por Luizão Maia, e consequentemente também toma o surdo como referência para pensar sua forma de tocar, embora admita que em alguns momentos busque outros caminhos: “Aquele linha dele é uma linha em que você vai tocando com muita firmeza, junto com a percussão, né? E vendo. Tem o surdo, né? Você tem que tocar um pouco feito o surdo, né? ‘Ah, mas vai embolar’, vai embolar de vez em quando...você vai saindo um pouco”.

⁴ Segundo RIBEIRO (), “Luizão era conhecido como o expert do samba no contrabaixo elétrica e pela sua condução caracterizada como o surdo na escola de samba” (RIBEIRO, 2013, p. 7).

Ivan traz ainda a interessante fala do produtor e cavaquinhista Alceu Maia, que se dirigiu assim para o baixista antes de iniciar uma gravação em estúdio: “aí Ivan, vamos gravar hoje, faz aquele baixo, aquele surdo com notas”.

Rodrigo Villa também aponta o surdo como principal referência, mas assim como Ivan, também busca outros caminhos:

Eu acho que o surdo é o principal. É o instrumento que está mais próximo da gente e que a gente precisa estar ali junto. Claro que nem sempre ele vai estar trabalhando exatamente junto, mas dialogando com ele sempre, nunca brigando com ele. São dois instrumentos graves...é, eu acho que a percussão em geral. Tem que ouvir a levada do tamborim, cada peça é importante.

Jorge Helder traz uma visão diferente. Na sua forma de tocar, ele entende o pandeiro como principal instrumento de referência e chama atenção, assim como Arthur Maia, para o uso das notas mortas (que aqui chama de *ghost notes*) como ferramenta para melhor simular as percussões no baixo:

O pandeiro...o pessoal fala que o baixo é bumbo de corda, mas eu acho que o baixo está mais para o pandeiro do que o surdo. Porque no pandeiro você tem todos os repiques...a levada principal do samba...tocar o tempo forte ou tocar no segundo tempo. E o baixo tem muito isso, de fazer os *pick-ups*, né? Como a gente fala. Que são os repiques do pandeiro. Até fazer os *ghost notes*, né? (...) eu acho que essa relação entre baixo e pandeiro é uma grande escola pra [sic] você, que quer tocar samba. Se ligar, ficar mais atento ao pandeiro porque o baixo está muito ali, está muito dentro desse contexto do pandeiro.

A visão do baixo como um pandeiro é reforçada por Ferreira, que cita a gravação da cantora Elis Regina em Montreux, onde o baixista Luizão Maia tocava a música Cobra Criada “imitando” o pandeiro no baixo : “o Luizão faz a coisa da marcação do Cobra Criada imitando justamente o pandeiro do Partido Alto, né, aquela levada pra mim é antológica”.

Júlio Florindo cita outros baixistas que também foram aqui entrevistados, para defender que o baixo pode ter o surdo referência, porém apenas em algumas ocasiões. Na maioria das vezes ele funcionaria como um tantã:

Maior galera tem essa parada assim: “ah, porque o baixo é o surdo no samba, não sei o quê...”, e pô, durante a minha experiência, o Bororó mesmo falava essa parada pra mim, e o Louchard também, assim, todos os professores sambistas que eu peguei, eles iam mais ou menos na mesma linha assim, que na verdade o baixo é o surdo às vezes, porque na maior parte do tempo o baixo é o tantã, que tá ali no meio da parada. Ele faz às vezes de surdão, mas na condução mesmo, ali com a bateria ele é o tantanzinho. É aquele molho ali do médio grave.

Louchard confirma o que disse Florindo ao afirmar que quando pensa o baixo a partir da percussão, suas maiores referências são o surdo e o tantã. Geralmente costuma pensar desta forma quando toca junto com um violão de sete cordas: “O sete cordas, quando ele está se movimentando muito, você tem a opção de tocar com a percussão, né? Mais...como percussionista (...) tocar mais com o tantã, com o pandeiro”. No entanto, quando Louchard toca com formações mais reduzidas, prefere construir suas levadas partir de uma ideia melódica, que segundo ele seria influência do período em que cantava com grupos de coral: “eu penso na coisa do ... eu também, no ginásio, eu cantei em coral, eu penso naquela coisa do baixo, tenor, contralto e soprano, tem que ser melódico. Tem que contra uma história por ali por trás, por mais simples que seja”.

Bororó traz uma visão bem diferente dos demais. Sua proposta é a criação de levadas de baixo a partir de uma linguagem híbrida, no que diz respeito às referências percussivas. Isto é, Bororó pesquisa os instrumentos de percussão de diversos gêneros musicais para criar uma linguagem própria que define como um “dado diferenciado”. Na citação abaixo, nos demonstra como poderia inserir um elemento percussivo do maracatu em meio à uma levada de samba:

A minha pesquisa é exatamente essa: pesquisar todos os instrumentos de percussão, todos de cada estilo, e ali tirar alguns elementos, fazendo uma fusão com várias linguagens, pra você criar um dado diferenciado. Aí vem aquela coisa chamada *groovie*, que chamam hoje, né? Tem uma virada, por exemplo, do surdo (a partir daí Bororó exemplifica *cantando o groovie*). Com isso você já criou um *groovie*. E se você quiser colocar um maracatu no meio (canta novamente). Então com três notas você pode criar um *groovie* interessante. E vai por aí

Conclusões

A questão envolvendo a relação entre a percussão e o baixo elétrico permeou todas as entrevistas, razão pela qual tal tema foi escolhido para recorte deste artigo. No entanto, apesar de haver um pensamento unânime entre os baixistas entrevistados sobre a importância desta relação para o aprendizado no gênero, há diferentes olhares sobre a forma como se pode tocar o baixo com base nesse pensamento, ou seja, como se pode adaptar alguns instrumentos de percussão para o baixo na hora de construir uma levada.

O surdo apareceu como principal instrumento de percussão no que diz respeito a referência para construção de levadas de baixo elétrico no gênero, no entanto o tantã e o pandeiro também apareceram como possibilidades.

Para além das relações que tecem com os instrumentos de percussão, Giffoni e Louchard nos revelaram outros caminhos para criar suas linhas de baixo no samba, sendo o primeiro influenciado também pela forma como o violão toca e o segundo pela sua vivência como integrante de corais.

Por fim, pôde-se constatar, com base nas entrevistas, que o entendimento das percussões se dá através, principalmente, do contato com os instrumentos de percussão, seja frequentando locais onde a percussão está presente, seja tocando, manipulando e experimentando manusear estes instrumentos.

Referências

- BORORÓ. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Estúdio de Laranjeiras, outubro de 2015.
- FERRERA, Rodrigo. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada em Santa Teresa, em março de 2015.
- FLORINDO, Júlio. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada em Santa Teresa, em março de 2015.
- GIFFONI, Adriano. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada na Tijuca, em maio de 2015.
- GIFFONI, Adriano. *Música brasileira para contrabaixo*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1997
- _____. *Música brasileira para contrabaixo*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2002
- HELDER, Jorge. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada em uma cafeteria, em Botafogo, em agosto de 2015
- LOUCHARD, Luís. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada no bar Semente, na Lapa, em julho de 2015.
- MACHADO, Ivan. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada em sua casa, em Botafogo, em agosto de 2015.
- MAIA, Arthur. Entrevista de Castanheira, Sergio. Niterói. Comunicação direta. Realizada na secretaria municipal de cultura, agosto de 2015.
- MAIA, Zé Luís. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. realizada em sua casa, Copacabana, em setembro de 2015.
- MONTAGNER, SYLLOS. *Bateria e contrabaixo na música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Lumiar, 2002.
- RIBEIRO, Rafael. *O samba do Luizão: um peculiar contrabaixista brasileiro na Música Brasileira*. Paraibuna: Saraiva digital, 2013
- SYLLOS, Gilberto. *Técnicas para baixo elétrico na música brasileira*. São Paulo: Souza Lima, 2008.
- VILA, Rodrigo. Entrevista de Castanheira, Sergio. Rio de Janeiro. Comunicação direta. Realizada em sua casa, em Copacabana, em junho de 2015.